



#ONIPRESENCAPAULOAMARO

Eu tinha 15 anos de idade e aquela foi a minha primeira - de várias que viriam - espinha nodular. Se para um adolescente uma espinha já é o fim do mundo, imagine então uma espinha nodular. Eu não queria responder perguntas sobre o assunto, na verdade, tudo o que eu mais queria era que ninguém me olhasse com aquele ar de estranheza. A melhor idéia naquele momento era escondê-la e assim ninguém me perguntaria mais nada. Meu objetivo poderia ser alcançado com uma maquiagem, mas, a minha habilidade – ou a falta dela – e a pouca experiência com essa prática não eram favoráveis. Optei então por um curativo adesivo, mas, foi na possibilidade de trabalhar formas e tamanhos exatos que o ESPARADRAPO chegou a um resultado mais adequado. Adequado!? As coisas não foram como o planejado e a tentativa de esconder fez com que eu me tornasse mais notado do que antes. E as perguntas das quais eu tentei fugir, voltaram com outras formulações; “Como você se machucou?”, “Você tem diabetes?”, “Você tem uma cicatriz?”, “Mas vem cá, você usa isso só por estilo?”, “É algum tipo de tratamento de pele?”.

Dias depois, já não existia espinha, mas as histórias e motivos que as pessoas inventaram para o uso do esparadrapo fizeram com que eu continuasse usando-o. Era divertido, as pessoas perdiam tempo pensando sobre

uma tira de esparadrapo, inventavam histórias, usavam a criatividade e, é claro, me proporcionavam o início de uma relação.

Alguns anos depois, ainda encantado com as relações sociais desenvolvidas pelo esparadrapo, decidi não só usá-lo, mas também, pensá-lo.

Como estudante de artes, entendi que o esparadrapo tinha se tornado um elemento identitário e durante 03, dos 04 anos de curso, foquei a minha pesquisa artística no fenômeno de construção de identidade pessoal.

Para o desenvolvimento da minha produção artística, a pesquisa sobre construção de identidade iniciou-se na separação deste conceito, defendido por Deschamps e Moliner (2009) em duas vertentes: identidade social e identidade pessoal. Para falarmos de identidade pessoal é necessário que se compreenda também a identidade social, como as duas se relacionam e também estabelecem uma relação de conflito. Para Deschamps e Moliner (2009) a identidade social está relacionada ao sentimento de semelhança com os outros, ou seja, está ligada a ideia de indiferenciação dentro de um grupo, até certo nível, Isso acontece, por exemplo, quando nos identificamos com alguma “tribo”. As semelhanças de pensamento, carga cultural e outros fatores tendem a nos aproximar de

alguns grupos e conseqüentemente nos afasta de outros. Quando esse nível de indiferenciação é ultrapassado por comportamentos particulares de certos indivíduos, que são minorias entre os grupos, semelhanças e diferenças entram em conflito e ao criar esse sentimento de diferença surge o fenômeno de identidade pessoal.

A identidade social refere-se a um sentimento de semelhança com alguns (outros), enquanto a identidade pessoal se refere a um sentimento de diferença em relação a esses mesmos outros. (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p.14)

De acordo com a teoria do desenvolvimento do psiquiatra Erik Erikson dos 12 aos 18 anos de idade passamos a entender nossas singularidades e nosso papel no mundo e é neste estágio da vida que ocorre nossa busca por identidade.

O conjunto das experiências vivenciadas pelo indivíduo e como ele próprio e o seu ciclo irá reagir a todas elas, serão fatores determinantes na construção de uma identidade. Essas experiências, independentemente de seu grau, poderão contribuir de diversas maneiras, seja uma experiência restritamente emocional, como a de um adolescente que se apaixona, podendo existir retorno ou não, ou até mesmo as experiências mais simples, como a

decisão de esconder uma espinha e passar despercebido aos olhos dos outros. Os resultados dessas experiências, paralelas à forma com que o ciclo social irá agir, serão convertidos em características cruciais na formação de uma identidade, dependendo das reações tomadas pelo grupo social poderá existir certa desorganização que levará o indivíduo a perda de seus referenciais.

No meu caso, não se tratava mais de uma espinha escondida e sim as reações dos outros em relação ao uso do esparadrapo que fizeram com que eu continuasse a fazer uso da fita. O interesse e a curiosidade despertavam em mim a vontade de continuar sabendo quais eram as relações que o esparadrapo poderia estabelecer com os outros, desde as reações de aceitação até mesmo as de negação. Justamente nesta fase em que Erik Erikson afirma que o indivíduo busca por uma identidade, encontrei a minha no uso do esparadrapo, algo que me identificou, me fez ser visto com diferenciação e conseqüentemente formulou a minha carga de identidade pessoal dentro dos meus ciclos sociais.

REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E AUTORRETRATO

Em *Sintaxe da Linguagem Visual*, Dondis (1997), afirma que a representação está totalmente ligada ao ato de ver e a partir da capacidade de observação

conseguimos reproduzir informações visuais. Essas informações podem ser simples ou mais detalhadas, porém, nos dois casos elas são capazes de criar uma representação. Usando pássaros como exemplo que podem ser representados de uma forma geral, apenas listando características comuns dentro da sua categoria, mas, detalhando fatores de identificação, a representação com traços específicos poderia ser capaz de distinguir até mesmo espécies de pássaros diferentes.

Tendo em vista que a construção da identidade não se faz apenas pela elaboração de uma imagem e sim por diversos outros fatores incluindo as experiências do indivíduo e do grupo a qual pertence, Deschamps (2009) afirma que as representações não assumem por si só um fenômeno identitário, mas, são as representações que podem intervir no sentimento de identidade.

O termo “representação” de uso frequente nos campos da psicologia contém pelo menos dois significados, o primeiro estaria ligado ao fato de tornar presente algo que estaria ausente e o segundo significado estaria na ideia de substituição, quando a representação é capaz de substituir o objeto. Essas representações são divididas em representações iconográficas, representações simbólicas e representações cognitivas.

As representações podem ser feitas a partir de um processo de abstração, como símbolos em mensagens visuais que devem ser em sua maioria, elaborados de forma simples, convertendo-se em códigos.

A abstração voltada para o simbolismo requer uma simplificação radical, ou seja, a redução do detalhe visual a seu mínimo irreduzível. Para ser eficaz, um símbolo não deve ser apenas visto e reconhecido; deve também ser lembrado, e mesmo reproduzido. (DONDIS, 1997, p 91)

Para o meu trabalho, utilizo a representação simbólica, exigindo do leitor a capacidade de decifrar os códigos contido no esparadrapo, que age como um marcador identitário sobre uma imagem, tornando-se o código, criando uma representação simbólica.

Acreditando que o esparadrapo tornou-se um elemento responsável por minha identidade pessoal, capaz também de me representar, pensei em desenvolver uma série de autorretratos a partir do rosto de outras pessoas, desconstruindo todos os elementos da imagem através da simbologia. A minha representação será feita por um elemento simbólico e não mais por características comuns.